

E. SANTO

Varo a noite lendo essa "História do Estado do Espírito Santo" de José Teixeira de Oliveira e quando me sinto cansado — está acabando o segundo Império — o dia já está prestes a nascer.

Levanto-me para fechar a janela, mas depois custo a dormir. Minha cabeça está cheia de nomes, de datas, de histórias que se embaralham no entre-sono. São imagens confusas de puris e aimorés, donatários, capitães-mores, jesuítas, navios negreiros e mediocres governadores de província escrevendo relatórios, pedindo coisas, fazendo queixas — e tudo isso, desde a Colônia até a República me dá de repente uma grossa melancolia. É uma história penosa, a do Espírito Santo, uma história difícil e muitas vezes mesquinha, difusa e triste como, em geral, a História do Brasil. Há, certamente, aqui e ali, figuras boas de homens empreendedores e honestos, atos de heroísmo, gestos de solidariedade e de abnegação. A própria Capitania é uma sacrificada pela sua situação geográfica: as autoridades portuguesas impedem a todo custo a penetração no território, como aliada da mata e dos índios ferozes, para que as minas do outro lado da serra não fiquem acessíveis à cobiça dos invasores. O Espírito Santo funciona como um estado tampão, guardando Minas dos perigos do mar — essa Minas que hoje, de maneira tão mesquinha, lhe agradece o sacrifício avançando pelas suas terras novas de noroeste com a violência dos seus jagunços e a matreirice de seus advogados.

Impressionante, a vocação nacional dessa gente capixaba, tão pouca e tão pobre, lidando contra o estrangeiro não apenas em seus portos, mas ajudando decisivamente a salvar o Rio de Janeiro, lutando na Independência até Caravelas. Perdemos as 50 léguas de terra a dentro e uma parte das 50 léguas da costa e se não perdemos São Mateus foi porque sua população, na luta pela Independência, "escolheu a liberdade", ficando com o Espírito Santo e deixando a Bahia infestada de reinóis.

No Império a governança do Estado era passagem para o parlamento, e mesmo na República o Espírito Santo cederia cadeiras de senador a outros Estados — Minas, São Paulo — ao sabor da politicalha dos grandes PRs. Sempre desajudado pelo Governo Federal, esquecido e desprezado, viria o Espírito Santo a ser, no Estado Novo, uma vítima especial do sr. Getúlio Vargas, que atendendo a uma pressão de Minas, feita à última hora por intermédio do sr. Israel Pinheiro, mandou sustar, já na Imprensa Nacional, a publicação do decreto que estabelecia os limites de acôrdo com o parecer imparcial e documentado do Serviço Geográfico do Exército. Devemos ainda ao sr. Vargas, magnífico sucessor daqueles governantes da Bahia e do Rio que sempre desatenderam ao Espírito Santo, o favor de sermos desgovernados durante 15 anos por um sr. Bley...

A história do Espírito Santo mostra que os interesses do Estado só foram realmente atendidos quando seus governantes foram eleitos por gente da terra entre gente da terra. Há uma espécie de sensibilidade especial à democracia em nossa história, tão perturbada pela influência de interesses estranhos. Não temos tido sequer, para comover os irmãos mais ricos, as desgraças espetaculares da Amazônia ou do Nordeste: somos pobres quietos e obscuros. Todos os jornais abriram manchetes de espanto com as geadas do Paraná; apenas um ou dois trazem notícias da broca traiçoeira que comprometeu nossa safra de café. Agora vejo que o Instituto Nacional de Café promete ajuda à nossa lavoura. Esperemos que faça realmente alguma coisa: o que essa broca está comendo não é apenas o trabalho do capixaba, é divisa, é ouro do Brasil.

8/10/53

R. B.